

**07 - BNCC E AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: EXPERIMENTAÇÃO EM FOCO**

ANTONIO HENRIQUE SIMÃO DOS SANTOS,  
KELSIN MODESTO FAVACHO,  
RENATO DE SOUZA JUNIOR,  
MARIA LIONELA DO NASCIMENTO FROZ,  
VANDERLAN SANTOS MOTA

Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Manaus, Amazonas, Brasil  
simaoh.uea@gmail.com

doi:10.16887/91.a1.7

**Introdução**

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular), implementada em 2017, chegou para nortear os parâmetros da educação brasileira, substituindo os PCN's que vigoravam desde o fim dos anos 90. Tal documento fora uma construção coletiva que buscou alinhar os eixos da educação. Entretanto seus conteúdos têm sido alvos de críticas de inúmeros educadores, fato esse comum, tendo em vista a diversidade de opiniões relacionadas as formas de implementação ou as práticas pedagógicas aplicadas que nem sempre correspondem aos anseios dos educadores.

No âmbito da Educação Física, a BNCC preconiza diversas práticas como a dança e os esportes. Dentre essas práticas, encontramos as práticas corporais de aventura, mais precisamente a partir do 6º ano do ensino fundamental, com as práticas corporais de aventura urbanas, que abrangem até o 7º ano. Para os 8º e 9º anos, as práticas urbanas, dão lugar as práticas na natureza.

O documento (BNCC) também nos traz as dimensões de conhecimento: experimentação, uso e apropriação, fruição, reflexão sobre a ação, construção de valores, análise, compreensão e protagonismo comunitário. Tais dimensões, como sugere a BNCC, não seguem ordem hierárquica, devendo ser implementada da maneira mais integralizada possível. Todavia, a experimentação acaba tendo papel de destaque nessas dimensões, pois, principalmente nas aulas de Educação Física, acaba sendo a dimensão mais aparente, tendo em vista o caráter prático de suas aplicações.

Questiona-se com frequência a carência de espaços apropriados para as aulas de Educação Física, além dos métodos empregados pelos professores, e a partir dessa premissa, levantamos tal questionamento: como e onde o professor poderá proporcionar a dimensão de experimentação? Esta pergunta abre a discussão sobre os desafios da implementação das práticas corporais de aventura urbana e na natureza, da Educação Física escolar.

**Objetivo**

O objetivo deste trabalho é refletir sobre os aspectos das práticas corporais de aventura urbana e na natureza preconizados pelo BNCC e a experimentação dessas práticas.

**Específicos**

- Descrever o processo das práticas corporais de aventura à luz da BNCC
- Identificar possíveis problemáticas acerca da implementação dessas práticas;
- Refletir acerca da experimentação dessas práticas no âmbito escolar;

**Metodologia**

Este trabalho tem caráter qualitativo com fonte de dados em pesquisa bibliográfica, buscando livros, trabalhos ou artigos que tratam da BNCC, Educação Física e práticas corporais de aventura e a experimentação dessas práticas no âmbito escolar. A partir destes trabalhos observados, realizaremos uma discussão junto aos autores sobre o tema.

**Resultados**

A fim de conceituar as finalidades da BNCC, o trecho a seguir define bem esse objetivo:

O ensino proposto pela LDB (1996) centra-se no objetivo maior do ensino fundamental, que é propiciar a todos uma formação básica para a "cidadania". O fundamento dessa concepção também alicerça a Base Nacional Comum Curricular, à medida que busca: formação para cidadania; formar para a autonomia e o sujeito autônomo; formar para observar situações de injustiça e preconceito; formar para a solidariedade e para o ser solidário; formar para respeitar a diversidade, entre outros objetivos da educação. No documento da Base Curricular, os componentes curriculares, entre eles a educação física, têm o papel de assegurar ao aluno essa formação, conforme está claramente apresentado nos objetivos de aprendizagem. (MARTINELLI et al, 2016).

A Base Nacional Comum Curricular é um documento" [...] que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE)". (BRASIL, 2017)

O documento trata a Educação Física como:

"[...] componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo." (BRASIL, 2017)

No que tange às práticas corporais, o documento aborda esse leque de possibilidades entre as práticas corporais e as unidades temáticas:

Na BNCC, cada uma das práticas corporais tematizadas compõe uma das seis unidades temáticas abordadas ao longo do Ensino Fundamental. Cabe destacar que a categorização apresentada não tem pretensões de universalidade, pois se trata de um entendimento possível, entre outros, sobre as denominações das (e as fronteiras entre as) manifestações culturais tematizadas na Educação Física escolar. (BRASIL, 2017)

Vale ressaltar nesse aspecto a variação dessas unidades temáticas nos anos escolares. Um exemplo disso é o foco desse artigo, as práticas corporais de aventura, que compõe apenas o 2º ciclo de Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Diante disto, levantamos o primeiro questionamento: por que essas práticas não podem ser desenvolvidas também nos anos iniciais?

UNIDADES TEMÁTICAS
Brincadeiras e jogos
Esportes
Ginásticas
Danças
Lutas
Práticas corporais de aventura

Tabela 1: Unidades temáticas da Educação Física. Fonte própria, 2020.

As práticas corporais de aventura aparecem como novidade na BNCC e trazem consigo uma série de questionamentos e desafios, relacionados à sua interpretação e implementação. Sua definição conforme o documento, segue assim: "[...] expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador." (BRASIL, 2017) Continuando, ele especifica duas áreas distintas: as práticas corporais de aventura urbana e as na natureza.

As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de *mountain bike*, rapel, tirolesa, *arborismo* etc. Já as práticas de aventura urbanas exploram a "paisagem de cimento" para produzir essas condições (vertigem e risco controlado) durante a prática de *parkour*, *skate*, patins, *bike* etc. (BRASIL, 2017)

A inserção dos esportes radicais em ambiente escolar pode ser uma boa maneira de abordagem da temática do meio ambiente em aula de Educação Física, além do fato de poder referenciar muitas modalidades de aventura como um novo conteúdo entre os alunos. (TAHARA; DARIDO, 2016) Tahara e Darido ratificam que a implementação dessas práticas nas aulas de Educação Física é relevante para temáticas em meio ambiente e a BNCC corrobora: "experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental." (BRASIL, 2017) Práticas que possam integrar os temas contemporâneos transversais tornam-se mais importantes devida a necessidade de uma educação mais contextualizada.

A precariedade de materiais e de infraestrutura para o desenvolvimento das aulas de Educação Física escolar constituem um dos grandes desafios para a nossa área e gera, como consequência direta, a desmotivação dos estudantes da educação básica em participarem das atividades propostas pelos professores (PRANDINA; SANTOS, 2016 apud CARVALHO; BARCELOS; MARTINS, 2020).

Ainda antes das práticas corporais de aventura ingressarem no currículo escolar brasileiro, já se evidenciava a precariedade em infraestrutura e recursos materiais em todas as disciplinas, inclusive a Educação Física. O desafio de desenvolver essas experimentações, sobretudo as práticas corporais, fica em xeque mediante a situação da educação brasileira.

Concebe-se que a infraestrutura das escolas/creches é um dos elementos que compõem o conceito de condições de trabalho dos docentes. É também um dos critérios a serem considerados para a garantia de bem-estar de profissionais, crianças, jovens e adultos no exercício do seu trabalho e das suas aprendizagens e interações nesses ambientes. (VIEIRA; PEREIRA JUNIOR, 2020) A infraestrutura escolar é uma necessidade latente para uma educação que busca equidade, e partir dela gerando um campo favorável ao aprendizado e, principalmente, a experimentação das práticas corporais de aventura.

Percebemos que os licenciandos em Educação Física são tencionados a serem criativos, a exercitarem, nos estágios supervisionados e nas disciplinas de práticas de ensino, a promoção de aulas com materiais alternativos, não como forma de ampliar o repertório e a qualidade das práticas corporais a serem construídas com os estudantes, mas como meio de mitigar as deficiências nas condições de trabalho docente e como mecanismo de "preparação" e "aceitação" do cenário que os futuros professores, provavelmente, encontrarão no exercício da profissão. (CARVALHO; BARCELOS; MARTINS, 2020)

O profissional graduado quando ingressa no campo de trabalho, se defronta com situações em que deve solucionar problemas, das mais variadas ordens, que se distanciam dos enunciados teóricos a que teve acesso nos cursos de graduação (e também nos de pós-graduação). Tem que recorrer a algo que lhe foi dado pouca oportunidade (ou nenhuma) de desenvolver - sua inventividade, seu potencial para resolver problemas, enfim, sua criatividade. (MOTA, 2020).

Apesar de enxergarem panoramas opostos, entendemos que ambos relacionam a importância da criatividade e adaptação para o perfil profissional do professor.

Gaspari et al (2006; SANTOS, 2011 apud PEIXOTO e AZEVEDO, 2017) e Mota (2020) observam a queixa constante de professores de EF relacionados a falta ou a precariedade de material para as aulas, fato esse que é comum à realidade da área. Todavia, Santos (2011) diz que “[...] a falta de recursos materiais tradicionais possibilita a abertura de experimentação de novas propostas de práticas corporais nas aulas de Educação Física” (p. 243 apud PEIXOTO e AZEVEDO, 2017). Apesar da oportunidade de experimentação de novas propostas, no caso das práticas corporais, principalmente no âmbito da natureza, requerem materiais específicos, do contrário, essas atividades tornam-se inviáveis.

Para (GONDIM, 2002) o desenvolvimento científico e tecnológico, suporte fundamental da globalização, aumenta a complexidade do mundo e passa a exigir um profissional com competência para lidar com um número expressivo de fatores. (apud FURTADO; ISAYAMA, 2019) Fica evidente a necessidade de um profissional cada vez mais capacitado para que o mesmo tenha os conhecimentos necessários relacionados às áreas pautadas no caderno de Educação Física na BNCC.

Sobre experimentação das práticas corporais de aventura urbanas e da natureza, já temos os seguintes pontos: infraestrutura, recurso material ou pedagógico e a formação profissional. No tocante às práticas urbanas, enxergamos uma possibilidade de experimentação com ligeira vantagem sobre as práticas na natureza, sobretudo nas escolas da zona urbana. Como citado pela BNCC (2017), essas práticas urbanas tem como pano de fundo, a *paisagem de cimento*. Portanto, o professor poderá com uma maior facilidade encontrar espaços dentro ou fora da escola que possam ser utilizados para essas práticas. No que diz respeito aos materiais, a possibilidade de os alunos possuírem é bem maior do que os materiais utilizados nas práticas em ambiente natural. Ainda nas zonas mais desfavorecidas, encontramos criança com bicicleta e skate por exemplo; esse fator já seria um somador para a experimentação dessas modalidades.

Explorar as incertezas e correr riscos controlados já não é uma novidade nas aulas de Educação Física, embora as práticas corporais de aventura se apresentem dessa forma. Santos (2013, p. 70) também nota que os riscos, a incerteza, o contato com a natureza e os equipamentos podem contribuir com a Educação Física Escolar pelo prazer que tal prática corporal proporciona aos estudantes, permitindo ao praticante “confrontar-se consigo e assim superar limites, vencer desafios, ultrapassar barreiras, não possuindo limitação de tempo, espaço, idade e sexo”. (apud ALVES; FONSECA; MARTINS, 2018)

Tais práticas, por serem em ambientes de risco ou incerteza, necessitam obrigatoriamente de equipamentos de segurança (mosquetão, cadeiras, capacetes etc.) que possuem alto custo. Estes recursos já dificultam bastante a experimentação dessas práticas, salvo a poucas oportunidades onde a escola realiza parcerias que contemplem essas atividades de maneira gratuita. Embora as práticas mais conhecidas, como o rapel, tirolesa, canoagem necessitem desses implementos, o professor pode verificar outras práticas que sejam mais alcançáveis, um exemplo disso são as caminhadas de orientação, que geralmente necessitam de uma bússola e um mapa.

Experimentação: refere-se à dimensão do conhecimento que se origina pela vivência das práticas corporais, pelo envolvimento corporal na realização das mesmas. São conhecimentos que não podem ser acessados sem passar pela vivência corporal, sem que sejam efetivamente experimentados. Trata-se de uma possibilidade única de apreender as manifestações culturais tematizadas pela Educação Física e do estudante se perceber como sujeito “de carne e osso”. Faz parte dessa dimensão, além do imprescindível acesso à experiência, cuidar para que as sensações geradas no momento da realização de uma determinada vivência sejam positivas ou, pelo menos, não sejam desagradáveis a ponto de gerar rejeição à prática em si. (BRASIL, 2017)

O documento evidencia a importância da experimentação no ambiente acadêmico, acreditando que esses momentos poderão ser geradores de experiências positivas. Relacionado ao tema das práticas corporais de aventura, entendemos que tais atividades são de grande importância por todo o contexto que as envolvem, sobretudo o contato com essas modalidades relativamente novas no contexto. O desafio fica com a implementação dessas práticas nas aulas de Educação Física.

### Considerações finais

Retomando o primeiro questionamento: *por que essas práticas não podem ser desenvolvidas também nos anos iniciais?* Ao entendermos que as práticas em Educação Física compreendem o risco controlado e a superação de desafios em todas as fases de desenvolvimento, fica evidente que as práticas corporais de aventura poderiam compor as fases iniciais do ensino fundamental, sem sombra de dúvidas, só não compreendemos o porquê. Cabem ao assunto, mais estudos a fim de buscar a origem dessa organização de conteúdos pela BNCC. *Por que as práticas corporais de aventura não apresentam integração com temas transversais?* Embora possamos encontrar nos objetos de conhecimentos das práticas corporais de aventura na natureza a preocupação com o respeito ao patrimônio natural e a degradação ambiental, temas em educação ambiental são quase imperceptíveis no documento, relacionado a transversalidade. Embora os profissionais procurem fazer as devidas adaptações para pautar esses assuntos relevantes, é curioso, o documento que rege a educação brasileira, ter essas lacunas.

Os problemas em infraestrutura escolar e escassez de recursos pedagógicos são realidade da educação brasileira há tempos, e as práticas corporais de aventura sejam elas urbanas ou naturais vieram evidenciar ainda mais esse problema. No que tange a dimensão do conhecimento experimentação, o profissional de Educação Física deve ser cada mais capacitado para conseguir propor essa experiência, bem como conseguir integralizar essa e as demais dimensões.

**Referencial Bibliográfico**

ALVES, M. P.; FONSECA, M. DA C. V.; MARTINS, C. **Educação Física escolar, a prática de esportes de aventura e a noção de risco calculado**. Linguagens, Educação e Sociedade: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI/Universidade Federal do Piauí/Centro de Ciências da Educação, ano 23, n. 38, 2018 – Teresina: Ed. UFPI, 2018 – 531p.

Disponível em: [https://www.ufpi.br/arquivos\\_download/arquivos/LES\\_38\\_17\\_OUTUBRO\\_2018\\_e-book20190408104639.pdf](https://www.ufpi.br/arquivos_download/arquivos/LES_38_17_OUTUBRO_2018_e-book20190408104639.pdf) Acesso em: 11 nov. 2020

**Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

FURTADO, R. M.; ISAYAMA, H. F. **Um perfil de egressos do curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais**. Trabalho & Educação, [S. l.], v. 28, n. 3, p. 131-146, 2019. DOI: 10.17648/2238-037X-trabedu-v28n3-15933.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/15933>. Acesso em: 13 nov. 2020.

MARTINELLI, T. A. P.; MAGALHÃES, C. H.; MILESKI, K. G.; ALMEIDA, E. M. de. **A Educação Física na BNCC: concepções e fundamentos políticos e pedagógicos**. Motrivivência, v. 28, n. 48, p. 76, 2016. Disponível em

: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p76> Acesso em 11 nov. 2020

MOTA, V. S. **Educação Física Escolar: O uso múltiplo do material alternativo e sustentável da floresta amazônica**. Manaus, AM: Editora UEA, 2020. No prelo.

PEIXOTO, R. P.; AZEVEDO, I. O. S. DE. **Materiais Alternativos Nas Aulas De Educação Física: Possibilidades E Desafios**. Temas em Educação Física Escolar, v. 2, n. 1, p. 15 - 29, 2017.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. **Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola**. Conexões, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 113-136, 2016. DOI: 10.20396/conex.v14i2.8646059. Disponível em

: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8646059>. Acesso em: 11 nov. 2020.

VIEIRA, L. M. F.; PEREIRA JUNIOR, E. A. **Infraestrutura escolar e satisfação profissional: percepção de professores da educação básica brasileira**. Revista Pesquisa e Debate em Educação, v. 10, n. 1, p. 1027 - 1046, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/RPDE/article/view/32018> Acesso em: 10 nov. 2020.

**Abstract:** The present work focuses on the BNCC, more precisely the bodily practices of adventure and the dimension of knowledge and experimentation. In this text, we address points related to subjects that are a constant debate in school Physical Education, such as the need for spaces for the development of activities and the training of this professional, in this case, the bodily practices of adventure. With the arrival of this new thematic unit, we understand that there is a lot to be done so that individuals can actually experience these practices. Therefore, we understand that there is still a lot to be done so that such Physical Education contents are fully addressed in all their dimensions, especially with regard to the preparation of these spaces for adventure bodily practices, whether urban or nature.

**Keywords:** BNCC, Physical Education, experimentation.

**Resumen:** El presente trabajo se centra en el BNCC, más precisamente en las prácticas corporales de aventura y la dimensión del conocimiento y la experimentación. En este texto abordamos puntos relacionados con temas que son un constante debate en la Educación Física escolar, como la necesidad de espacios para el desarrollo de actividades y la formación de este profesional, en este caso, las prácticas corporales de aventura. Con la llegada de esta nueva unidad temática, entendemos que queda mucho por hacer para que las personas puedan experimentar estas prácticas. Por tanto, entendemos que aún queda mucho por hacer para que dichos contenidos de Educación Física se aborden de manera integral en todas sus dimensiones, especialmente en lo que respecta a la preparación de estos espacios para las prácticas corporales de aventura, ya sea urbana o en la naturaleza.

**Palabras clave:** BNCC, Educación Física, experimentación.

**Resumo:** O presente trabalho tematiza a BNCC, mais precisamente as práticas corporais de aventura e a dimensão de conhecimento e experimentação. Neste texto, abordamos pontos relacionados aos assuntos que são debate constante na Educação Física escolar, como a necessidade de espaços para o desenvolvimento das atividades e a formação desse profissional, nesse caso, as práticas corporais de aventura. Com a chegada dessa nova unidade temática, entendemos que há bastante a ser feito para que os indivíduos possam de fato experimentar essas práticas. Portanto, entendemos que ainda há muito para ser feito para que tais conteúdos da Educação Física sejam plenamente abordados em todas as suas dimensões, principalmente no que tange a preparação desses espaços para as práticas corporais de aventura, sejam urbanas ou da natureza.

**Palavras-chave:** BNCC, Educação Física, experimentação.